




Ralf Rickli

Assembléia Geral na

Mata do Ingá



idéias centrais da Ecologia sem dor nem pieguice

 Trópis • 2000

ASSEMBLEIA GERAL

NA MATA DO INGÁ

A Mata do Ingá andava cheia de resmungos. As antas se queixavam das onças, que punham a culpa nas jaguatiricas, as quais diziam que eram os macacos que tiravam a mata do sério.

Os macacos diziam que as árvores é que andavam fazendo corpo mole e não faziam galhos tão resistentes como antigamente – ao que as árvores respondiam que, com o avanço da cidade em direção à mata, não tinham mais clima para trabalhar.

Tanto a coisa cresceu que surgiu a ideia de fazer uma assembleia para discutir os problemas da mata. “Uma assembleia de animais”, disseram uns, mas aí os capins protestaram dizendo que ninguém na mata era tão pisado quanto eles.

No fim das contas, resolveram que seria uma assembleia de seres vivos em geral.

Chegada a hora, uma anta pediu a palavra:

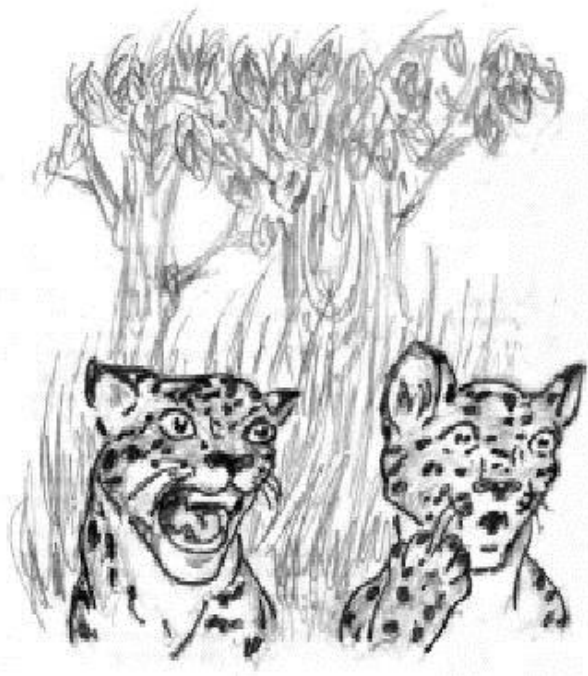
– Senhores: quero falar em nome de todos os herbívoros desta mata: antas, veados, capivaras e tantos mais. Falo até mesmo em nome dos colegas da fazenda aí ao lado: vacas, carneiros e cabras, que, apesar de capachos do homem, não deixam de ser animais como nós.

Ouviram-se mugidos e berros de concordância, pois os próprios animais da fazenda tinham vindo, com a promessa de que em ocasião tão especial as onças não se atreveriam.

Estas não continham lambidas de beijos e olhares gulosos, mas de fato não mexiam uma pata. Sabiam o que estava pra vir, e precisavam defender sua reputação. A anta prosseguiu:

– Quero protestar contra o comportamento das onças, jaguatiricas, cachorros do mato, e carnívoros em geral. Nós, pacíficos vegetarianos, não temos paz nesta mata. Vivemos sendo atacados, nós e nossos filhos, por essas feras sanguinárias. Proponho que os carnívoros sejam sumariamente **expulsos** daqui: seremos muito mais felizes sendo uma mata vegetariana!

Houve urros e berros de aprovação, enquanto os carnívoros se entreolhavam preocupados. Mesmo sem saber bem o que dizer, uma onça começou a limpar a garganta, mas nem foi preciso:



Foram os vegetais, em coro, que tomaram a palavra:

– Não, isso não! – gritavam uns arbustos.

– Seria o nosso fim! – gritou uma moita de capim, e prosseguiu:

– Nascem herbívoros demais na nossa mata! Se os carnívoros forem embora, essa horda de ruminantes vai crescer, crescer, crescer... Vão precisar de tanta comida que vão comer a grama até a raiz! Vão pelar a nossa mata, e acabar morrendo de fome – mas não antes de ter acabado com a “classe vegetal”! Por isso, senhores carnívoros, nós lhes pedimos: fiquem! Vocês tem todo o nosso apoio!

Os ruminantes vaiaram, mas sua vaia foi encoberta pelo aplauso massivo de folhas de todo tipo, de árvores, ervas e arbustos. Esperta, a onça resolveu lançar uma causa que unisse os animais:

– Colegas bichos de pelo! Em vez de ficarmos brigando entre nós, proponho que unamos nossas forças contra um inimigo comum: herbívoros e carnívoros somos igualmente incomodados por essa praga que são os insetos! Afinal, pra que serve um inseto? Só para atazanar! Proponho que votemos, isso sim, a expulsão dos insetos!

– O quê??? – gritou horrorizado um coro de pássaros nas copas das árvores. Com que direito vocês querem eliminar essa importante fonte de proteína para as aves?

As plantas se juntaram ao protesto:

– E como vocês pensam que nós vamos nos reproduzir? Não pensem que com a gente é assim, marca encontro em

algum lugar e vai caminhando! Sem as asas de um inseto pra levar pólen de uma planta a outra, boa parte dos vegetais iria desaparecer!

– Grande coisa não se perde! – resmungou a onça, que tinha engulhos só de pensar em mastigar uma folha; mas o mesmo arbusto completou:

– Não pensem os senhores felinos que não dependem de nós plantas! Sem nós, adeus pacas, antas, veados, capivaras, adeus macacos, adeus porcos do mato. Sem ervas não tem herbívoros; e sem herbívoros, do que é que os carnívoros vão viver? Vão se matar uns aos outros, e o último vai morrer de fome!

– Tem razão! – a onça teve que concordar. – Concordo com vocês plantas. Mas com os pássaros não! Pra que servem esses bichos de asas? Além de usarem esse recurso desleal para fugir de nós, ficam indo pra cima e pra baixo, voam para terras estranhas, trazem micróbios, doenças e pragas...

A onça tinha resolvido fazer média com os vegetais que antes tinha ofendido:

– Comadres árvores, não é verdade que os passarinhos trazem parasitas pra cima de vocês? Não é verdade que vocês sofrem com a “erva de passarinho”? Peço o seu apoio para votar a expulsão das aves!

– Sinto muito, dona Onça, mas não podemos concordar!

Era uma linda pitangueira falando, carregadinha de frutas vermelhas.

– Mas como não, comadre? As aves não vivem atacando as suas frutas?

– Hammm... eu não diria “atacando”. Diria antes “beijando.” Como vocês sabem, vivemos presas no chão. O problema não é só o pólen não, que esse o vento às vezes resolve. Mas

quem é que vai levar sementes pesadas como as minhas para longe do meu pé? Sem aves, nada de frutinhas gostosas espalhadas pela mata!

– E quanto às doenças... – começou a falar uma garça branca muito enjoada – ... eu tenho ideia melhor: temos é que desinfetar essa mata. Acabar com tudo o que for micróbio – bactérias, fungos, coisas assim. Acho que a gente até devia pedir ajuda aos homens, que andam lidando com radiações, para irradiar essa mata e dar uma esterilizada geral nos micróbios!

– Desculpe, mas a senhora está louca!



Era uma vaca da fazenda vizinha, falando pela primeira vez.

– E a nossa digestão? Nós ruminantes temos um batalhão de bactérias e fungos trabalhando para nós no **rúmen**, um dos nossos estômagos. É por isso que podemos comer palha e devolver leite! E não pensem que isso são luxos de animal domesticado: estão aí na mata antas e veados, que dependem tanto das bactérias quanto eu!

– Perfeitamente! – apoiou a anta, entusiasmada com a participação da “prima”. – Aliás, parece que a comadre onça não sabe, mas ela **também** depende da chamada **flora intestinal** na sua digestão, isto é, de bactérias e fungos. Não tanto quanto nós, mas depende.

– E tem mais! – era um grande ipê que falava. – Também nós plantas dependemos desses colegas microscópicos! Embora 3/4 do ar sejam nitrogênio, não temos como absorver esse elemento diretamente; dependemos do trabalho de bactérias que vivem no solo. Sem bactérias, nada de nitrogênio nas plantas, nada de proteínas, **nada de vida!**

... E além disso, quem vai reciclar os nossos restos depois que morrermos? O mundo ia ser logo um grande amontoado de cadáveres animais e vegetais, de palhas e troncos. São fungos e bactérias que desmancham essas coisas velhas e engordam a terra com isso!

O ipê se calou de súbito, e se fez um grande silêncio na mata. Passados uns instantes, a onça pigarreou e começou:

– Bem... Ao que parece, é quase impossível pensar em expulsar alguém daqui. Por mais inútil que um sujeito pareça à primeira vista, no fim sempre tem alguém que precisa dele...

– Até que enfim! – disse uma voz grave num galho do ipê.

Voltaram-se todos, e viram que era a mais velha e sábia das corujas da mata.

– Até que enfim vocês começam a perceber que aqui todos dependem de todos – ela prosseguiu. – Se houve alguém sobrando, já desapareceu faz muito tempo. A mata não é apenas nossa **casa**: ela é um grande **corpo**, um **organismo**, e cada um de nós, ou cada grupo, é um órgão desse organismo. Quem quiser acabar com qualquer outra espécie estará fazendo mal a si mesmo, pois estará atacando o corpo de que também faz parte.



Houve um instante de perplexidade, mas logo todos entenderam e aplaudiram a fala da coruja. Foi quando a vaca pediu licença e perguntou:

– Dona Coruja, e como fica o caso de animais como nós, que passaram a viver com os humanos?

– Não é muito diferente, não. Ou pelo menos não devia ser. Se o fazendeiro for inteligente, a fazenda onde você mora *também* é como um organismo, onde todas as partes são os órgãos; isto é, todos dependem de todos: vacas, plantações, hortas e frutas, cachorros, fungos, bactérias, passarinhos... e os homens, mulheres e seus filhos.

Houve um murmúrio geral:

– Até **eles?**

– Até eles, sim. Vejam por exemplo o compadre milho: quem não gosta do milho? E ele depende totalmente dos humanos pra se reproduzir. Outro exemplo: alguém acha ruim eles terem trazido as bananas e as mangas de lá do outro lado do globo?

... Os humanos também são parte do grande organismo geral, embora nem sempre entendam. Aliás, é bom que comecem a entender, para o bem nosso e deles mesmos! Eles representam um grande polo de criatividade e inovação dentro do nosso organismo – mas essa inovação tem que ser sábia, levando em conta todo o conjunto, senão o organismo inteiro pode sucumbir.

A onça, que ouvia pensativa, pigarreou e falou:

– Bem, como disse a comadre coruja, só nos resta esperar que os humanos entendam logo, pois quanto a **nós**, esta noite nós entendemos.

... Da minha parte, nunca mais vou pensar em eliminar uma espécie inteira. Agora, quanto a alguns **indivíduos...**

Fez uma pausa colocando uns olhos gordos nas capivaras, e aí concluiu:

– Ora, os senhores hão de convir que é minha função!



E, arreganhando os dentes:

– Vou contar até dez, e estará terminada a reunião!

Como podem imaginar, foi a maior correria pra todo lado... e a vida voltou ao normal na Mata do Ingá.

Texto: Ralf Rickli, 1994
com pequenas revisões em 2000 e 2020
Ilustrações: Alexandre Vaz, 2000

Esta é uma edição informal da
Trópis iniciativas socioculturais

EQUÍVOCOS POSSÍVEIS: CUIDADO!

(1) Desde os tempos mais remotos até os cientistas mais modernos, a humanidade sempre usou ficções, histórias inventadas, para ajudar a entender as coisas – mas é preciso cuidado para não engolir o prato pensando que é parte da comida. Isto é, precisamos distinguir o que é conteúdo científico, e o que é apenas história.

Por exemplo: é verdade que a vaca depende das bactérias e leveduras (fungos) que vivem no seu rúmen – só que nenhuma das vacas sabe disso com sua consciência individual! Quem sabe somos **nós**, seres humanos.

Em histórias não faz mal, usar o **antropomorfismo**, isto é: imaginar que os bichos têm a mesma forma-de-ser (morfé) dos humanos (ánthropos). Já em ciência isso seria um erro: devo estudar os ratos como eles são, e não como caricatura dos humanos (como p. ex. o Mickey).

Na história acima os bichos e plantas fazem assembleias como gente: devemos saber que isso é um antropomorfismo, usado para deixar as coisas mais próximas de nós e do nosso entendimento. Por outro lado, *as palavras que colocamos na boca desse bichos e plantas nesta história não são invenção, e sim informações científicas corretas.*

(2) Outro erro é tentar aplicar certas características da natureza ao entendimento da sociedade humana.

P.ex.: a história da Mata do Ingá mostra que é necessário haver carnívoros que comem herbívoros. Isso tem que ser assim **na natureza**, mas existem pessoas que tiram a seguinte conclusão: “se é certo que as onças comam os herbívoros, então também é certo que os homens mais fortes ou espertos tomem as oportunidades dos mais fracos”. Esse raciocínio é errado por muitas razões. Entre elas:

* Onças e capivaras são espécies diferentes, enquanto a espécie humana é uma só.

* Animais não conseguem escolher um comportamento diferente daquele que já vem “programado” na espécie. Uma onça, p. ex., não tem como escolher ser vegetariana. Já o ser humano tem a capacidade, até o fim da sua vida, de escolher novos comportamentos e exercitá-los.

* Além disso, o ser humano tem capacidade de analisar e entender como as coisas acontecem, e assim pode procurar formas de comportamento que beneficiem a todos, não a ele só. Quer dizer: quem é egoísta, é egoísta por sua própria responsabilidade; não deve procurar jogar a responsabilidade nas costas da natureza!

